



RESENHA DESCRITIVA

Jacilda de Siqueira Pinho¹

KOCK, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. 2ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2014.

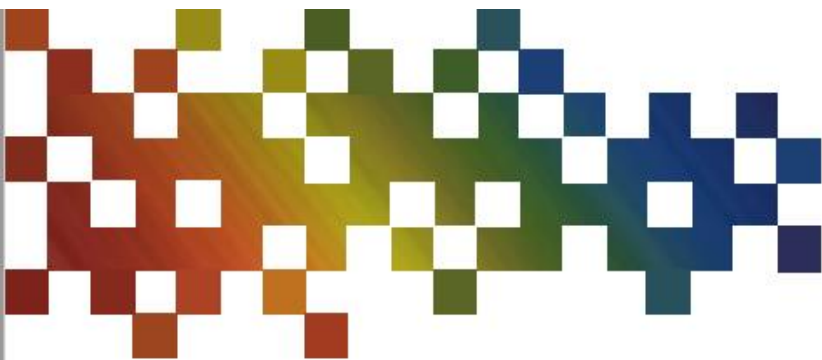
Ingedore Villaça Koch, licenciada em Letras e bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e livre-docente em Análise do Discurso pela Universidade de Campinas (Unicamp). Foi professora titular do Departamento de Linguística do IEL-Unicamp, onde implantou a área de Linguística Textual. Dentre suas obras, podemos elencar: **A coesão textual** (1990); **A inter-ação pela linguagem** (1997); **O texto e a construção dos sentidos** (2007) e outros em parceria.

Vanda Maria Elias, licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE), é mestre e doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Seus estudos de pós-doutorado foram realizados no Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade de Campinas (IEL-Unicamp), é coautora de **ler e compreender os sentidos do texto**; **Ler e escrever**: estratégias de produção textual; **Pequena gramática do português brasileiro** e coordenadora da coleção **Linguagem & Ensino**, além de outras produções.

Na obra, **Ler e Escrever**: Estratégias de Produção Textual, as autoras registram que o objetivo do livro é apontar, de forma simples e didática, algumas estratégias importantes para produtores de textos, no momento da escrita. Como elas escrevem:

¹ Professora na Escola Estadual “Irmã Lucinda Facchini”, município de Diamantino-MT. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso/Unemat.

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 193-388, maio-agosto.2018.



buscou-se “estabelecer uma ponte entre teorias sobre texto e escrita e práticas de ensino”.

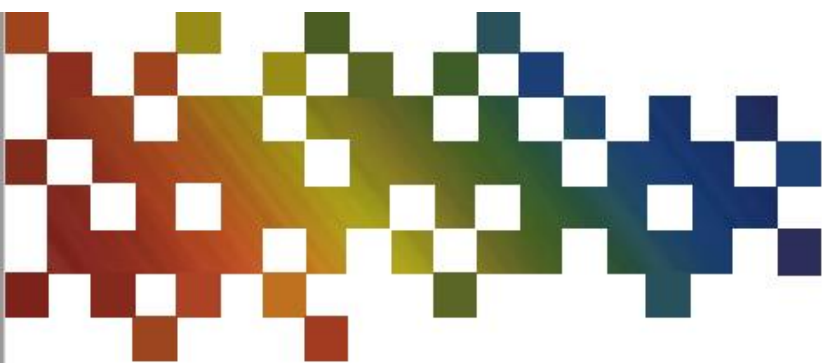
O livro é estruturado em oito (8) capítulos, nos quais as professoras disponibilizam um conjunto de exemplos comentados, mobilizando aspectos da teoria, de modo a proporcionar a compreensão por parte do leitor. Elas utilizam textos de alunos de diversas séries, oferecendo um panorama de produções reais, fato que provoca a análise da relação com situações vividas, principalmente, por professores.

As autoras afirmam que a atividade de escrita é regida pelo princípio da interação e esse fato requer a mobilização de conhecimentos sobre a língua em situações interativas. A concepção de texto adotada é a sociocognitiva e interacional de linguagem em que o texto é concebido como o próprio lugar de interação verbal e seus interlocutores empenhados, dialogicamente, na produção de sentido.

Acrescentam que a produção de linguagem é uma atividade interativa altamente complexa, em que a construção de sentido realiza-se com base nos elementos linguísticos selecionados pelos enunciadores, não apenas para a mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem sociocognitiva cultural, histórica de todo o contexto, mas, sobretudo no processo de reconstrução no momento da interação.

As autoras estabelecem a diferença entre o texto escrito e o texto falado sublinhando que “a distinção está em como a produção se realiza” (p. 13). No texto escrito, não há coprodução, o escritor dialoga numa relação ideal com o possível leitor, ele planeja, elabora. Neste caso, a escrita assume um caráter de afastamento, “mas não deixa de ser contextualizada”. Já no texto falado, a produção nasce no próprio momento da interação.

Citando Marcuschi (1995), elas reafirmam que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos. ” Koch e Elias defendem que tanto a oralidade quanto a escrita



possuem características que não são exclusivas só das duas modalidades. Algumas características foram estabelecidas tendo como parâmetro o ideal da escrita.

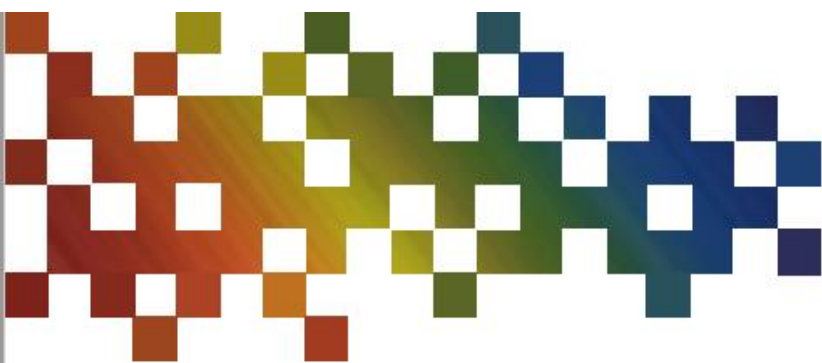
Didaticamente, elas enumeram as seguintes características da fala: a) é relativamente não planejada; b) se constrói em sua própria gênese, tendendo, pois, a se desnudar no processo da sua construção; c) apresenta descontinuidades frequentes no fluxo discursivo; d) a sintaxe é característica. É processo, portanto, dinâmica.

Em contraposição, a escrita é o resultado de um planejamento centrado. A obra apresenta o percurso de como a escrita foi e vem se constituindo, ao longo do tempo, considerando-a como um produto sócio-histórico-cultural, que demanda diferentes modos de leitura, em diversos suportes.

Buscam respaldo em autores como Eisenstein (1998); Ferreiro e Teberosky (1999); Torrance e Galbrait (1999); Chartier (2003, 2002, 2001, 1998) Landsmann (2006), tanto para tratar do processo de aquisição da escrita quanto para fazer compreender o modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso da produção do texto.

E, assim, definem os três focos da escrita: 1- **Foco na língua**: nesta concepção de texto, o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada, não além, nem aquém da linearidade, mas entrada na linearidade. 2- **Foco no escritor**: nesta concepção, o texto é visto como um produto lógico do pensamento do escritor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor. 3- **Foco na interação**: este foco ganha especial atenção, a escrita é vista como produção textual. A diferença reside no fato de que a escrita, neste foco, é compreendida na relação escrito-leitor, não ignora o fato de que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva deste processo.

Além da discussão produtiva sobre a distinção entre fala e escrita, as autoras refletem sobre a escrita e as práticas comunicativas sob a perspectiva de gêneros textuais, proposta por Bakhtin (1992,) em sua composição, conteúdo e estilo, na qual o



autor afirma que em todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua e que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...]. Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Elas acrescentam, ainda, fundamentadas nos postulados de Schneuwly e Dolz (2004) que todo texto é um construto de sequências (descritiva, expositiva, injuntiva e argumentativa), esquemas linguísticos básicos que entram na constituição dos diversos gêneros.

Ao longo da obra o conceito de escrita é relacionado à contextualização, que exige do sujeito escritor uma série de fatores: tema, objetivo, sujeito leitor, gênero textual, seleção e organização de ideias. Destacam ainda os aspectos composicionais e estilísticos do gênero textual a ser produzido.

Esclarecem que, inicialmente, o contexto era como o ambiente ou entorno verbal, **o contexto**, dos tipos de modo bem simplificado, isto é, apenas para exemplificar algo em relação ao enunciado. O principal objetivo dos estudiosos era o estudo dos tipos de relação que poderiam ser estabelecidas entre os diversos enunciados de sequência significativa.

No entanto, as autoras expõem que, concomitantemente, outros pesquisadores começaram a se dedicar ao estudo do texto não como um produto acabado, mas sim como forma de ação verbal sustentada por uma compreensão da língua como uma forma específica de composição social da atividade humana e, sendo assim, concebendo o contexto como o lugar de interação entre sujeitos sociais, interessando, então, descobrir os propósitos comunicativos, ou seja, o “para que” do texto.

Nesse sentido destacam o conceito de **contexto imediato** (participantes, local e tempo de interação, objetivo da comunicação e meio de propagação), de **contexto mediato** ou entorno sócio-histórico-cultural e de **contexto sociocognitivo dos**



interlocutores, que engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais (Koch, 2002).

A abordagem sobre intertextualidade é discutida do ponto de vista do escritor, destacando o “manuseio” de textos e sobre os modos de constituição da intertextualidade elencam a classificação que segue acompanhada dos autores nos quais se fundamentam:

1- **Intertextualidade explícita** – o produtor considera que é possível um leitor que desconheça o texto de origem, ele projeta a informação para posterior consulta de modo a chamar a atenção não só para o que foi dito, como também para quem o produziu.

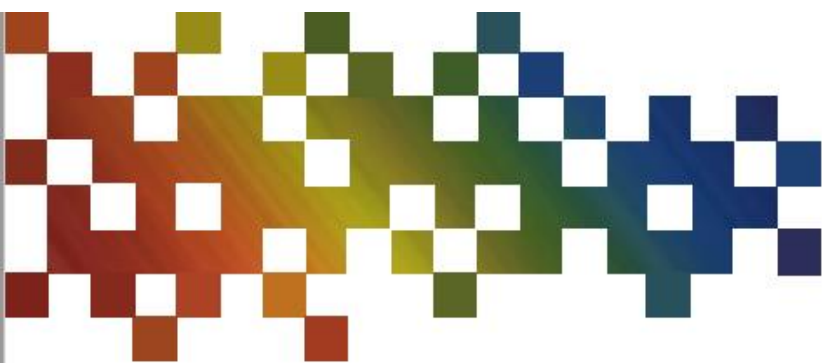
2- **Intergênero** – Marcuschi (2002), conceitua que é um fenômeno que ocorre quando um escritor produz um gênero em um formato diferente do que é esperado, dependendo do propósito.

3- **Intertextualidade/reco textualizada** – ocorre cada vez que fazemos uso de textos alheios em um novo contexto (Bazerman, 2006).

As autoras tratam da referenciação, mostrando que recorre às formas de introdução de referentes no texto, classificando-as em **ativação ancorada** e **Ativação não-ancorada** e mostrando um funcionamento de cada uma.

As pesquisadoras pontuam que para garantir a continuidade do texto há duas exigências: A **repetição** ou **retroação** e **progressão**. Elas explicam que as cadeias referenciais acontecem quando se remete, seguidamente, a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados, seja por sequências: **descritivas**, **narrativas** ou **expositivas**.

Em relação à sequenciação na escrita, elas dizem que podem se dar por: 1- **repetição** –Concebida, às vezes como vício, mas pode ser um poderoso recurso metafórico; 2- **paráfrase**- representação de conteúdos anteriores em construções sintáticas diferentes, visando um ajustamento; 3- **paralelismo**- repetição sucessiva da



mesma sintática, preenchida por elementos lexicais diferentes; 4-**recursos de ordem fonológica**- são a entonação, a rima, o metro, o ritmo, isto é, a simulcadência; 5-**recorrência de tempos verbais**. As explicações são baseadas em (Weinrich, 1964, 1971).

Acrescentam, ainda, mantendo a fluência de uma escrita didática, que ao lado desses meios de progressão com decorrências de diversos tipos, a sequenciação do texto também pode ocorrer por meio de recursos como segue:

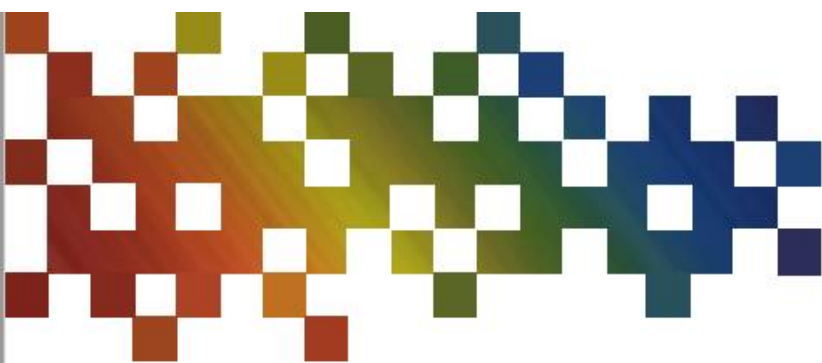
1- **Manutenção temática**- uso de termos que pertençam ao mesmo campo lexical ou que façam parte de um mesmo conjunto de conhecimentos de mundo.

2- **Progressão temática ou progressão tema-rema**- em todo o enunciado há um tema, elemento já conhecido do leitor sobre o qual vai se dizer alguma coisa, e uma rema, ou seja, aquilo que se diz a respeito do tema. Na sucessão de enunciados de um texto, podem ocorrer quatro configurações da progressão: A- *Progressão com tema constante*, essa progressão é comum em textos descritivos. B- *Progressão linear*, em que o tema de cada enunciado anterior vai se tornar o tema do enunciado seguinte. C- *Progressão com divisão do tema*, no qual o tema do primeiro enunciado se “estilhaça” em vários temas subsequentes a serem desenvolvidos no texto; D- *Progressão com rema subdividido*, em que é o rema do primeiro enunciado que se fragmenta, de modo que cada uma de suas partes vai constituir o tema de um enunciado posterior.

3- **Progressão tópica**- é possível quando interagimos verbalmente, falamos ou escrevemos sempre sobre alguma coisa.

4- **Encadeamentos**- constituem um poderoso recurso de sequenciação textual. Os encadeamentos se dão por **justaposição** ou por **conexão**.

No oitavo capítulo, já finalizando, as autoras conceituam sobre a noção de coerência na escrita, recorrendo ao princípio da interpretabilidade com base em (Charolles, 1983), e estabelecem alguns fatores para defini-la: 1- A noção de coerência não se aplica, isoladamente, ao texto, nem ao autor, nem ao leitor, mas se estabelece na



relação entre esses três elementos, isso significa dizer que na atividade de escrita entendida em perspectiva interacional; 2- A construção da coerência envolve da parte de quem escreve e, também, de quem lê, conhecimentos variados; 3- A coerência depende também de fatores como a focalização e a seleção lexical; 4- A coerência não pressupõe, necessariamente, no plano da materialidade linguística, a ligação entre os enunciados de forma explícita; 5- A coerência depende também, em parte, do uso da língua socialmente instituído; 6- A construção da coerência demanda conhecimento constituído em certas culturas e épocas quanto as formas de comportamento; 7- A coerência pressupõe a manutenção temática, embora, em certos casos, dependendo da intenção do autor ou do gênero textual, a fuga ao tema seja utilizada como estratégia mesma de coerência, ou seja, as autoras detalham passo a passo sobre a coerência.

Na conclusão do livro, Koch e Elias se colocam como escritoras e como leitoras, afirmam que a coerência é um conceito que não reside no texto, nem separadamente nos sujeitos envolvidos no processo. Enfatizam a relação triádica em que o produtor, em interação com o leitor no ato da escrita, constrói uma materialidade linguística do texto.

Neste sentido, a obra nutre a área de conhecimentos voltados para o ensino e compreensão da leitura e escrita, mostra as estratégias, as técnicas, os recursos de que precisamos dispor para ler um livro, compreendendo-o percebendo como se constrói o sentido.

A riqueza temática e conceitual da obra supera a proposição de Koch e Elias. A nossa descrição é sumária à reflexão permeada de exemplos práticos que elas materializam firmando o compromisso do campo da Linguística Aplicada e, indubitavelmente, com a construção do conhecimento tanto do escritor quanto do leitor².

² Essa resenha teve orientação da prof.^a Dr.^a Águeda Aparecida da Cruz Borges.